

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

O stentando dois longas-metragens cuja arrecadação passou de US\$ 1 bilhão cada (“Super Mario Galaxy” e “Michael”), a lista dos maiores faturamentos cinematográficos do ano em venda de ingressos – em números contabilizados de janeiro até a última segunda - traz, pela primeira vez, em anos, duas comédias. O quarto lugar desse ranking, atrás só da dupla de bilionários supracitada e de “Toy Story 5”, está “O Diabo Veste Prada 2”, que, à força de Meryl Streep, arrecadou US\$ 688 milhões. Foi mais que o dobro da receita feita pelo “The Devil Wears Prada” original, há 20 anos: US\$ 326 milhões.

Em latitudes distante de Hollywood, na China, uma chanchada automobilística, “Fei chi ren sheng 3”, dirigida por Han Han e traduzida no Ocidente como “Pégasus 3”, contabilizou US\$ 656,5 milhões, mobilizando basicamente sua própria pátria e terrenos asiáticos.

A alegria de um gênero que andava em tempos de vacas magras, acochado pelo politicamente correto, não se limita ao Top Tem.

Em 15º lugar (e subindo), com US\$ 228,1 milhões está a farofa “Todo Mundo Em Pânico” (“Scary Movie”), do clã Wayans, retomando uma trilha de paródia que foi iniciada 26 anos atrás. O oceano de palavrões em seu roteiro e a aposta em heróis tortos, como o macocheiro profissional Shorty (papel de Marlon Wayans, do fenômeno “As Branquelas”), valeu à produção saraivadas de críticas azedas.

Esse azedume entre resenhistas americanos e o nariz torcido da ala woke só fizeram fomentar a procura do público por uma aula de ironia avessa a mimimis.

Há uma semana, no Brasil, as narrativas cômicas ganharam o reforço de uma produção que, a julgar pela acolhida calorosa das plateias, pode subir nesse pódio de longas que faturam babas: “O Convite” (“The Invite”), de Olivia Wilde. É uma trama sobre um jantar entre vizinhos. É um jantar fomentado pelo fato de os moradores do andar de cima transarem feito coelhos... ruidosamente... e os anfitriões não se tocarem mais. No piso de baixo vivem o professor de Música Joe e sua esposa, Angela (hoje uma dona de casa), com uma filha de 12 anos, que nunca vemos. Em cima, moram a sexóloga espanhola Pina e o bombeiro Hawk. Respectivamente, o elenco que dá vida a essas figuras inclui Seth Rogen, a própria Olivia, uma Penélope Cruz de cabelos louros e um Edward Norton em estado de graça. No pavimento dessa experiência sobre escuta, num tempo de ruídos, está um dos dramaturgos de maior viço do teatro popular nos anos 2010 e 2020: o catalão Cesc



Meryl Streep encarou a correção política em ‘O Diabo Veste Prada 2’

O RISO, ENFIM, VOLTOU

Fenômenos populares como ‘O Diabo Veste Prada 2’ e ‘Todo Mundo Em Pânico’ devolvem a comédia ao topo das paradas, com reforços da China e da França



A versão 2026 de ‘Todo Mundo Em Pânico’, com Marlon Wayans, derrotou a marola da caretice

Gay, artista que faz do cotidiano um campo de batalha... para rir, em cartaz também na Netflix com “53 Domingos”.

“Escrever é saber dominar as caricaturas relativas às representações do excesso, seja o excesso de dor ou

da euforia”, disse Cesc, ao Correio a Manhã, numa entrevista por telefone ao levar ao Festival de San Sebastián seu filme “Sentimental” (2020), adaptação da peça de sua autoria “Els Veïns De Dalt” (“Los Vecinos De Arriba”), que serviu de base para

“O Convite”.

Neste exato momento, há uma outra versão dela em curso na Bélgica, “De Bovenburen”, com direção de Simone van Dusseldorp, e há uma adaptação em filmagem em Portugal, com o título “O Pecado

Mora Em Cima” e direção de Rui Pedro Sousa. Sabe quem está cena? Os eternos Caco Antibes e Magda: Miguel Falabella e Marisa Orth. Todas essas versões apostam no riso frouxo, ainda que pontuado de dor. São estratégias que a comédia buscou para sobreviver, diante de um patrulhamento pesado.

É difícil crer, mas o filão que nos deu de Dercy Gonçalves a Will Ferrell há tempos não se comunicava mais com as multidões via telonas. Basta ver o que se dá no Brasil. Aqui, onde a chanchada foi filão imperial nos circuitos – matéria essencial para a nossa formação cinéfila, dos anos 1930 aos 60 -, o último grande feito da seara da gargalhada soma dois anos: “Minha Irmã e Eu” (2023), com Ingrid Guimarães e Tatá Werneck, que vendeu cerca de 2,2 milhões de tíquetes. Em 2024, “Os Farofeiros 2” arranhou essa mesma média, ficando pouca coisa atrás. De lá para cá, até pintaram tramas engraçadas, aqui e ali, mas nada com tamanha força, vide